

Caminhos e lugares do Concelho de Câmara de Lobos (25)

A levada da velha

A Levada da Velha que teria sido construída para captação de água no Curral das Freiras e seu transporte até ao Estreito, Quinta Grande e Campanário, permanece ainda hoje envolvida num grande mistério, onde o real se confunde com o lendário. Efectivamente se não subsistem dúvidas sobre a existência de segmentos do traçado dessa levada cavada nos rochedos do Curral, já todo o processo que envolveu a sua construção é pouco claro e difícil de explicar, situação que muito provavelmente fez eclodir a imaginação popular, atribuindo a sua construção a uma velha rica.

Quem se deslocar de automóvel à freguesia do Curral das Freiras e, a partir do lugar da Estrela começar a olhar com alguma atenção para os rochedos que constituem o limite oeste do Curral das Freiras e que o separam da freguesia do Estreito e do Jardim da Serra, verificará que em determinadas zonas existem vestígios de um e às vezes de dois traços horizontais e paralelos cavados na rocha. Melhor apreciados desde a Eira do Serrado ou a partir do troço de estrada entre os dois túneis de acesso ao Curral das Freiras, estes sulcos correspondem a uma antiga levada, denominada de Levada da Velha, por ter sido, segundo a tradição, mandada construir por uma velha rica para irrigar as suas propriedades nas freguesias da Quinta Grande e do Campanário.

Ainda que, a este propósito, a informação escrita seja muito escassa, encontramos quer em

1933, quer em 1952, no Jornal da Madeira, dois textos aparentemente do mesmo autor, que não só descrevem com algum pormenor aquilo que a tradição oral fez chegar até aos nossos dias, como adiantam algumas explicações relativamente ao construtor e época em que foi construída e, que apesar de especulativas, não deixam de parecerem convincentes.

A levada da velha

Segundo o Jornal da Madeira de 27 de Julho de 1952, os mais antigos aquedutos, hoje abandonados por várias circunstâncias, passaram a ser denominados genericamente por levadas velhas, ou no singular, levada velha. Esta denominação facilmente se converteu em Levada da Velha.

A mais antiga e mais célebre refere-se a um aqueduto que conduziria água de rega desde os flancos do Pico Ruivo e



Igreja do Curral das Freiras, 1900.

Torres em direcção à Boca dos Namorados, atravessando despenhadeiros e rochas alcantiladas, num percurso de mais de 20 quilómetros.

Nenhum documento escrito demonstra a existência deste aqueduto, mas é certo que existiram dois, em vez de um, no sítio já indicado, como se prova à evidência, pelos vestígios de duas linhas paralelas, obliteradas onde o terreno era movediço, mas cortadas a picareta em rochas vivas ou moles, como se pode verificar encontram-se pedaços de caixa de levada, cavada na rocha, que os séculos ainda não destruíram.

Aqueles aquedutos foram construídos em remontíssima época, provavelmente no último quartel do século XV e um deles deveria ser destinado à irrigação de terrenos do Estreito, Quinta Grande e Campanário. Ainda existem nessas paragens alguns vestígios e tra-

dições da obra formidável, de incalculáveis vantagens agrícolas e económicas.

Quem a mandou construir?

O destino das águas, referenciado na tradição oral como sendo Quinta Grande e Campanário, associado à falta de informação, a propósito da data da sua construção, permite-nos não só admitir que ela tenha acontecido em tempos muito remotos, como ainda admitir que a sua construção possa ser atribuída a Rui Teixeira. Para além de possuir propriedades no Campanário, onde residia, Rui Teixeira era também proprietário do Curral, terrenos que haviam sido doados, a 22 ou 28 de Agosto de 1474 a sua mulher Branca Ferreira, por João Ferreira, que por sua vez os havia recebido, por sesmaria, do primeiro capitão donatário, João Gonçalves Zarco.

Só assim se compreende

a relação entre o Curral das Freiras e o Campanário e a acessibilidade, por parte do proprietário do Campanário, às águas nascidas no Curral das Freiras.

Ainda que a tradição refira que a levada foi mandada construir por uma velha rica e que o Padre Eduardo Clemente Nunes Pereira, nas Ilhas de Zarco chega a referir como sendo de origem castelhana ou moura, o autor do texto publicado no Jornal da Madeira, que vimos citando, rejeita naturalmente esta hipótese. Ao se interrogar sobre quem havia mandado construir a Levada da Velha, coloca também de fora a hipótese de ter sido o Estado a construí-la, uma vez que se o tivesse sido, seria de admitir a existência de documentação escrita, o mesmo acontecendo com a hipótese de se ter tratado de um empreendimento de natureza popular. Era pouco viável que o povo fosse capaz de se unir

para um empreendimento tão dispendioso, difícil e demorado na execução.

Sendo assim, só havia uma hipótese que adianta tanto no texto de 1933 como no de 1952: O Curral das Freiras pertenceu, até ao último quartel do século XV a Rui Teixeira, casado com D. Branca Ferreira, residente no Campanário.

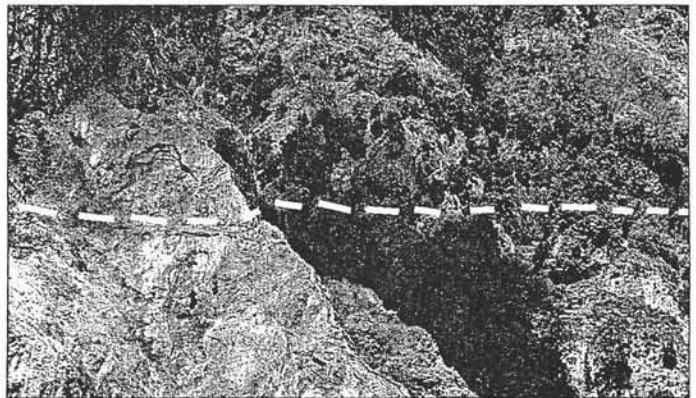
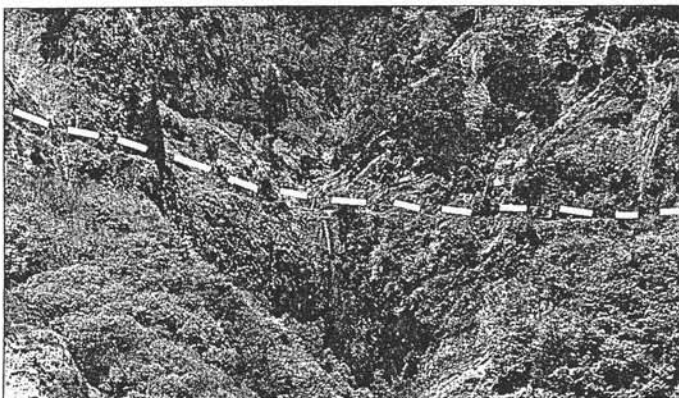
Nesse tempo, os donatários, além de riqueza em propriedades e dinheiro, tinham ao seu serviço centenas de escravos que obedeciam cegamente aos seus senhores.

Rui Teixeira, homem de vistas largas, corajoso e empreendedor, concebeu o arrojado pensamento, seguido de execução, de valorizar os seus domínios no actual concelho de Câmara de Lobos pela irrigação, conduzindo até lá, em aqueduto as águas que nasciam nas fraldas do Pico Ruivo e montes anexos.

Porquê duas levadas?

Encontrado o construtor, o articulista do Jornal da Madeira interroga-se sobre os motivos da existência de dois aquedutos, desde as rochas da Boca dos Namorados até à região das nascentes.

E a explicação dada também não deixa de ser convincente. Apesar de possuir meios humanos e financeiros faltariam a Rui Teixeira meios técnicos, ou seja um Amaro da Costa, que como todos sabem foi o autor do projecto da



Pormenor da Levada da Velha cavada nas rochas do Curral

levada do Norte. Ora, esta falha viria a condicionar alguns erros de cálculo na sua construção.

Rui Teixeira terá começado por construir uma levada a partir das rochas da Boca dos Namorados, mas quando chegou à zona das nascentes, esta saíria acima delas, facto que impedia a captação das suas águas. Contudo, não desanimou e deu início a outra levada, partindo desta vez, das nascentes e trazendo a água a servir de nível.

Explicada satisfatoriamente a existência de dois aquedutos paralelos que ainda hoje se reconhecem facilmente, nalgumas zonas, faltava agora explicar o abandono a que ficou votada e que, ao que parece, nunca terá chegado a transportar água.

Da mesma forma que se procurou na relação entre as propriedades do Campanário e Curral das Freiras, uma justificação para o início do empreendimento, também se aponta o fim dessa relação para o seu abandono. Com efeito, por escritura de 11 de Setembro de 1480, Rui Teixeira vendeu os terrenos que possuía no Curral das Freiras ao 2º Capitão Donatário do Funchal, João Gonçalves da Câmara que, possu-

indo outros interesses não terá dado continuidade ao projecto inicial.

A maldição cai sobre a velha

Ainda que não havendo certezas relativamente ao facto da água ter chegado, ou não, a sair do Curral das Freiras, a tradição diz que chegou mesmo à freguesia do Estreito e até ao Campanário, mas que a velha muito rica, a quem a lenda atribui a autoria do empreendimento, depois de ver chegar a água, em vez de agradecer a Deus a graça alcançada pôs-se a lamentar o dinheiro gasto nos seguintes termos:

Levada, minha levada.
Levada que aqui me
[tens.
Gastei uma pipa de
[patacas.
E um quarto de vin-
[têns.

A partir desse momento, como castigo, a levada começou a rebentar ora numa parte, ora noutra, não sendo mais possível pôr a água a correr.

Uma outra versão da lenda da levada da velha refere que a velha terá também morrido, por castigo de Deus, por não ter agradecido a Nosso



Panorâmica do Curral das Freiras

Senhor, com humildade e acção de graças, o auxílio dispensado à obra, que parecia impossível de realizar-se, e que os seus herdeiros aterrorizados por aquele divino castigo, ou desinteressados do alto valor da obra, abandonaram-na até perderem o direito às referidas águas, que passaram para a Levada do Castelejo ou de Santo Amaro, construída muito tempo depois.

A propósito da levada da velha, o Herald do Madeira na sua edição de 16 de Maio de 1909 dá outro desfecho à velha, ao referir que a velha teria falecido de desgosto ao ver que depois de ter gasto tanto dinheiro, o empreendimento não havia resultado, em virtude do defeito de desnive-

lamento verificado na sua construção.

Azar de uns sorte de outros

No dizer, do autor do artigo publicado em 1933 no Jornal da Madeira, a propósito da levada da velha, se estas levadas tivessem funcionado, não haveria quase que cultura nem no Curral das Freiras, nem em São Martinho, nem em Câmara de Lobos porque as levadas dos Piornais, do Castelejo e da Torre não teriam metade da água.

Reforçando ainda mais o seu pensamento refere que se a levada da velha, como o povo lhe chama não tivesse sido abandonada, a balança da fortuna ter-se-ia inclinado completamente para as fregue-

sias do Estreito, Quinta Grande Campanário e Ribeira Brava e o Curral das Freiras, São Martinho e São Pedro beneficiadas pelas águas do Castelejo e Piornais seriam boje (1933) terrenos áridos como a maior parte do Caniço, e São Gonçalo.

A levada e a veia poética popular

Construída pela tal velha rica, por Rui Teixeira ou por outra entidade, um facto incontestável é que, passados tantos e tantos anos, lá está a marca da levada, levada essa que continuará, muito provavelmente, sem que se saiba a sua verdadeira história e, por isso mesmo, a ser tema de lenda e alvo de inspiração para a veia poética popular, como demonstram os versos recolhidos pelo Grupo Folclórico do Curral das Freiras e que servem até de tema do seu relatório:

Era uma senhora rica
E já de maior idade
Tinha uma grande
[fazenda
Não tinha água para
[rega.

Estava sempre a pensar
Aquilo que ia fazer
Vou arranjar a levada
Para ter muito comer.

Os homens eu já tenho
Vamos todos trabalhar
Quando a água chegar
A fazenda vou regar.

Levada minha levada
Levada que aqui me
[tens
Gastei uma pipa de
[patacas
E um quarto de vintêns.

Com a água da fazenda
Já estava a regar
Não dei as graças a
[Deus
Começou a rebentar.

A levada rebentou
Ficou o vizinho gloriado
Que tinha gasto o
[dinheiro
E não me tinha lucrado.

Manuel Pedro Freitas

Bibliografia:

História da Madeira, uma página inédita. O Jornal, Funchal, 11 de Agosto de 1933.

História da Madeira, uma página inédita. O Jornal, Funchal, 6 de Setembro de 1933.

Jornal da Madeira, 27 de Julho de 1952, pag. 10-11.

PEREIRA, Eduardo CN. Ilhas de Zarco, 4ª ed. Vol.1, pag. 682, Funchal, 1989.

FREITAS, A. Vieira. **Era Uma Vez... Na Madeira.** 2ª Ed. Pag. 17-21, Funchal, 1984.

Campanário, in Heroldo da Madeira, 16 de Maio de 1940.

Concelho de Câmara de Lobos

Faz (ou não) amanhã 163 anos que foi criado

Ao que tudo indica, o concelho de Câmara foi criado pela Portaria de 25 de Maio de 1835, sendo instalado a 4 de Outubro do mesmo ano

Ao se consultar bibliografia sobre a criação do concelho de Câmara de Lobos, raramente ou nunca são encontradas referências ao dia e mês do ano de 1835 em que tal aconteceu. É uma lacuna grave que já deveria ter merecido a preocupação dos responsáveis pela edilidade camaralobense. Aliás, o mesmo comportamento deveria ser tomado relativamente ao dia 16 de Outubro de 1835, oficialmente aceite como tendo sido o da instalação do concelho e que, desde 1977, vem sendo celebrado como dia do concelho, mas que documentos existentes, vieram há cerca de 3 anos colocá-lo em causa.

Relativamente à data da instalação do concelho é curioso que já em 1950 o

problema foi levantado, aceitando-se com base em dados irrefutáveis não o dia 16, mas sim o 4 de Outubro de 1935 e, como consequência, fixando-se este dia como feriado municipal, tenho chegado mesmo a publicar-se, a esse propósito, anúncios tanto no Diário do Governo como no Diário de Notícias. Naturalmente que outros assuntos mais importantes relegaram ao esquecimento esta decisão e até 1977, continuou como antes, o primeiro de Maio a ser a referência para o feriado municipal.

Ainda que várias razões possam existir para que ninguém, nem mesmo o Elucidário Madeirense se refira ao dia e mês em que no ano de 1835, o

concelho de Câmara de Lobos foi criado, julgo que tal se deve ao facto dessa criação ter sido publicada numa Portaria, conjuntamente com uma amalgama de decisões e onde a criação do concelho não é individualizada, mas subentendida no quadro de uma nova divisão administrativa da Madeira e Porto Santo, levada a efeito pelo então Prefeito.

Publicada a 25 de Maio de 1835, esta Portaria aprova a divisão administrativa da Madeira e Porto Santo em nove concelhos, entre os quais surge pela primeira vez o de Câmara de Lobos e, ainda que sem especificar quais, mas que se subentende tratar-se de Câmara de Lobos, Santana e Porto Moniz, determina que com

a maior brevidade se fizesse a eleição das Câmaras Municipais dos novos concelhos. Aliás, a este propósito e na sequência da Portaria de 25 de Maio de 1835, um Alvará de Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque, Prefeito e Governador Militar da Província da Madeira e Porto Santo, datado de 10 de Setembro de 1835, confirma como novos esses concelhos e define o *timing* em que deveriam ter lugar as respectivas eleições.

Pelos documentos existentes, não restam dúvidas de que o dia 25 de Maio de 1835 para a criação e o dia 4 de Outubro de 1835 para a instalação do concelho, são as datas correctas. Contudo, não sendo eu formado em história e



Vila de Câmara de Lobos no século XIX.

perante as dúvidas que continuam a pairar sobre este assunto, julgo que é chegada a altura da Câmara solicitar um parecer a uma entidade especializada nesta temática. Aquilo que não se pode é continuar a

perpetuar erros históricos, só porque temos muitas quantas medalhas ou material promocional com o 16 de Outubro de 1835 registado, como dia da instalação do concelho. ■

Manuel Pedro Freitas